

## **A problemática da oralidade**

---

The issue of orality

**Daiane Neumann\***

Universidade Federal de Pelotas (UFPel/Brasil)

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é discutir acerca do conceito de oralidade, proposto pela poética de Henri Meschonnic. Para fazê-lo, parte-se do questionamento da visão dicotômica da relação entre oralidade e escrita, presentes em Zumthor (1997), Marcuschi (2001) e Meschonnic (1985) e (1989/2006). Em um segundo momento, discute-se acerca da transformação dessa dicotomia na tripartição escrito, falado e oral, presente na reflexão de Meschonnic (1982), (1985), (1989/2006) e (1982/2009). Essa tripartição postula que o oral está tanto no escrito quanto no falado, o que provoca uma alteração na concepção de oralidade e a transforma em uma noção também literária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oralidade. Escrita. Poética.

### **ABSTRACT**

*This paper intends to discuss the orality notion, presented in Henri Meschonnic's poetics. Firstly, the dichotomous view between orality and writing is questioned, considering the reflections in Zumthor (1997), Marcuschi (2001) and Meschonnic (1985) and (1989/2006). Secondly, this work debates the transformation of the dichotomy between orality and writing into the tripartite writing, spoken and orality, from Meschonnic (1982), (1985), (1989/2006) and (1982/2009). Finally, the fact that the tripartite postulates that the orality is present in writing as well as in spoken language is discussed, since alters the notion of orality, by transforming it into a literary notion, too.*

---

\* Sobre a autora ver página 46-47.

---

**KEYWORDS:** *Orality. Writing; Poetics.*

## 1 Introdução

A noção de oralidade tem sido discutida tanto na área da literatura, conforme se pode observar em Zumthor (1997), quanto na área da linguística, como em Marcuschi (2001). Trata-se, pois, de um conceito que atravessa as duas áreas do conhecimento e que, embora tenha sido discutido em diferentes espaços, com diferentes propósitos, caminhou em uma direção semelhante. É o que se observará na discussão aqui proposta, ao constatar que Marcuschi (2001), dedicando-se ao estudo do texto falado, e Zumthor (1997), ao estudo da poesia oral, buscam pensar o oral não mais em oposição ao escrito, mas a partir de suas especificidades, colocando em xeque a dicotomia que se estabeleceu entre as duas modalidades de uso da língua.

Ao situar-se em uma reflexão que não estabelece fronteiras entre os estudos da linguagem e da literatura, Meschonnic (1982), (1985), ([1989] 2006) e ([1982] 2009) propõe uma noção de oralidade, na continuidade de um pensamento que rompe com a dicotomia entre o escrito e o oral e apresenta uma tripartição entre o escrito, o falado e o oral, postulando que o oral estaria presente tanto no texto escrito quanto no texto falado.

O texto falado se comporia também pela entonação, pelos gestos, pela postura corporal, pelo corpo, pela voz, que, segundo o autor, estariam também presentes no texto escrito, através do ritmo, das rimas, dos ecos prosódicos, da voz, do silêncio. Dessa forma, a presença do corpo, da voz, poderia ser observada, especialmente, no texto literário, na medida em que nesse texto o grau de subjetivação seria maior.

Discutir essa noção de oralidade proposta pelo autor é o que farei neste trabalho. Para isso, dividirei a discussão em duas partes. Na primeira, denominada "O oral e o escrito", serão apresentadas reflexões que buscam questionar a dicotomia entre as duas modalidades de uso da língua. Na segunda, denominada "O escrito, o falado e o oral", será discutida a noção de oralidade, tal como proposta por Meschonnic em seus trabalhos.

## 2 O oral e o escrito

A oralidade, vista a partir de uma acepção negativa, leva à observação de que a literatura oral tem propriedades distintas e opostas em relação àquelas da escrita. O oral, a partir dessa perspectiva, é concebido como aquele em que há ausência de escrita, não a partir de suas especificidades.

Pode-se considerar ainda nessa partição binária, um olhar que valoriza a oralidade, em detrimento da escrita. Nesse caso, por exemplo, se opõe o conto oral ao conto escrito. Este último é caracterizado, em contrapartida,

negativamente, pela supressão de funções fática, expressiva, conativa e do papel da coesão que possui a recitação em nível de grupo. O escrito é, dessa forma, reduzido ao espaço, ou seja, os textos escritos são vistos na ruptura de sua autonomia espacial. O oral em oposição seria da ordem do tempo, o tempo seria a sua medida. O oral seria então o jorro, seria a fonte da oralidade, enquanto o escrito seria imobilizado.

Zumthor (1997) não concebe a oralidade de forma negativa, na medida em que não somente se opõe à ideia de que haveria uma identificação entre o oral e o popular, mas também não concebe a oralidade realçando seus traços que contrastam com a escrita, assim como não a concebe como uma transposição dessa última.

Para o autor, pelo fato de a voz se estender num espaço, cujas dimensões se medem pelo seu alcance acústico, as produções orais interiorizariam a memória do mesmo modo que a espacializariam; a escrita, por outro lado, também seria espacial, embora de outra maneira, já que seu espaço seria a superfície do texto. Ainda buscando caracterizar a especificidade da estruturação poética em regime de oralidade, o autor afirma que a oralidade operaria menos com a ajuda de procedimentos de gramaticalização do que por meio da dramatização; o que o leva a concluir que a poesia oral comportaria mais e mais complexas regras do que a escrita.

Afirma ainda Zumthor (1997) que, diferentemente da escrita, a poesia aspiraria a se depurar das limitações semânticas, a sair da linguagem, ao alcance da plenitude. A escrita, por outro lado, reprimiria ou esconderia tal aspiração, que estaria representada nos poemas orais através de frases absurdas, repetições acumuladas até o esgotamento do sentido, sequências fônicas não lexicais, puro vocalizes.

No entanto, apesar de o autor manter uma “oralidade poética”, admite que a poesia oral e a escrita usam uma linguagem idêntica, as mesmas estruturas gramaticais, mesmas regras sintáticas, mesmo vocabulário de base; e recorre a Jakobson para questionar a opinião comum entre os etnólogos, segundo a qual, o traço constante na poesia oral é a recorrência de diversos elementos textuais, como a repetição e o paralelismo. Segundo o linguista russo, contudo, esse seria o fundamento de toda a linguagem poética.

De acordo com Ruth Finnegan (*apud* Meschonnic [1989] 2006), em *Oral Poetry*, poeticamente, é impossível fundar uma distinção entre poesia oral e poesia escrita. Afirma ainda a autora que os critérios conhecidos para fazê-lo apresentam uma distinção sociológica, e não linguística.

Não se trata aqui neste trabalho de contestar a especificidade das condições de produção, de execução e de transmissão dos textos orais. Certamente, como bem mostram inúmeros estudos<sup>1</sup>, a escrita não tem as mesmas. No entanto, muitas vezes se consideram nessas polarizações o tempo e o espaço enquanto categorias abstratas. O texto oral está tanto no espaço,

---

<sup>1</sup> Ver: MASRCUSCHI, Luiz. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2008; KOCH, Ingedore G. V. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003; KOCH, Ingedore G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto, 2003; HILGERT, José G. A seleção lexical na construção do texto falado. In: Dino Preti. (Org.). *O léxico na língua oral e na escrita*. 1 ed. São Paulo / SP: Humanitas, 2003a, v. 6, p. 69-102.

criado por ele mesmo, quanto no tempo. O escrito também se caracteriza, especificamente, por uma construção material e simbólica do tempo e do espaço. Da mesma forma, o discurso de um enunciador solitário, tanto escrito quanto oral, implica sempre um face a face, um outro ou outros, eles simplesmente estão de outra forma presentes ou inscritos no espaço e no tempo daquele modo específico de significar no discurso, que contém a inscrição do enunciador. No entanto, o *eu* sempre pressupõe o outro.

Marcuschi (2001) se opõe à visão por ele considerada de maior tradição entre os linguistas, que se dedica à análise das relações entre as duas modalidades de uso da língua, a fala *versus* escrita, e que percebe sobretudo as diferenças entre elas em uma “*perspectiva dicotômica*” (p. 27). Tal perspectiva teria o inconveniente de considerar a fala como o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua.

A tendência fenomenológica de caráter culturalista observaria muito mais a natureza das práticas da oralidade *versus* escrita e faria análises sobretudo de cunho cognitivo, antropológico ou social e desenvolveria uma fenomenologia da escrita e seus efeitos na forma de organização e produção do conhecimento. Não há, segundo o autor, como negar que a escrita trouxe imensas vantagens e consideráveis avanços para as sociedades que a adotaram, mas seria forçoso admitir que ela possuiria algum valor intrínseco absoluto, como o quer tal tendência. Trata-se antes do lugar que as sociedades ditas letradas reservaram a essa forma de expressão o que a tornaria tão relevante.

Uma terceira tendência apontada pelo autor, a perspectiva variacionista, trata do papel da escrita e da fala sob o ponto de vista dos processos educacionais e faz propostas específicas a respeito do tratamento da variação na relação entre padrão e não padrão linguísticos nos contextos de ensino formal. Não há, portanto, distinção entre fala e escrita, mas uma observação de variedades linguísticas distintas. Marcuschi (2008, p. 32), ao pontuar sua posição em relação a tal tendência, afirma “fala e escrita não são propriamente dois **dialetos**, mas sim duas modalidades de uso da língua, de maneira que o aluno, ao dominar a escrita, se torna **bimodal**.”

A posição do autor sobre tal discussão é de perceber que “as relações fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua” (MARCUSCHI, 2008, p. 34). Para o linguista, é impossível situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua.

Certamente, aqui não considero, conforme o faz Marcuschi (2008), esse funcionamento da língua como fruto das condições de produção, enquanto atividade de produtores/receptores de textos situados em contextos reais, no entanto, interessa para a reflexão deste trabalho pensar a discussão por ele proposta do ponto de vista linguístico<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A concepção de linguagem de que lanço mão para a discussão neste trabalho nasce de uma leitura da obra de Saussure e Benveniste, por Meschonnic ([1982] 2009), e é denominada uma “antropologia histórica da linguagem”. A linguagem é concebida, dessa forma, enquanto antropológica, no sentido de que não se pode dissociar o homem da linguagem, e a linguagem do homem. Assim, os sujeitos constituem-se na e pela linguagem, em uma relação de

Proponho com Meschonnic ([1989] 2006) que a oral não seja mais concebido como falado, mas que a oralidade seja concebida mais como um valor literário do que linguístico e que se possa observar a oralidade tanto no escrito quanto no falado. Passa-se assim de uma visão dualista entre o escrito e o oral para uma história da oralidade.

Trata-se aqui de “estabelecer uma interação entre a concepção etnológica de oralidade e uma poética da oralidade. Para isso, é necessário situar as práticas de oralidade em relação à teoria da linguagem e à obra em etnologia”<sup>3</sup>. ([1989] 2006, p. 310)

É necessário que se vá além do empirismo tradicional que considera a oralidade segundo o modelo do signo e que a concebe somente como o lugar da voz, enquanto sonoridade. A poética de Meschonnic busca exatamente recolocar em questão tal modelo ao apresentar uma crítica à concepção de ritmo enquanto cadência, a fim de tirá-lo do paradigma do signo e pensá-lo no e pelo discurso.

De acordo com Meschonnic (1985), é porque a crítica do ritmo coloca a poesia na linguagem “ordinária”, e esta na oralidade, que a crise e a oralidade são ligadas. A oralidade opõe o ritmo ao esquema, ou seja, o movimento da “parole” e da vida na linguagem, ao modelo estático do dualismo, o qual não pode compreender a poesia porque tal modelo não tem relação com o empírico da linguagem, com a história, com a vida. A oralidade enquanto oposta ao escrito se inscreve no paradigma antropológico do dualismo, que sustenta um modelo de linguística ancorada em um tecnicismo.

A oralidade conforme concebo aqui neste trabalho se opõe a uma linguística áfona que estuda as estruturas sonoras. Tais estruturas e repetições podem ser sonoras, mas elas não são orais. Esse seria o paradoxo de uma linguística que não considera a voz, a enunciação, que se ocupa em não confundir a dicção e a organização do ritmo, mas que acaba por esquecer-se da oralidade. Tal linguística concebe uma oposição entre o significante e o significado, entre o falado e o escrito e confirma a identificação habitual entre o falado e o oral. Tal oposição configura-se como um obstáculo a uma história do ritmo, da voz.

Trata-se de passar de uma noção sociológica, etnológica e retórica de oralidade a uma noção antropológica e poética de oralidade. Trata-se de pensar o primado do ritmo e da prosódia no semântico, em diferentes modos de significar, escritos ou falados. Trata-se da integração do discurso no corpo e na voz, e do corpo e da voz no discurso, de uma semântica da significância generalizada, do contínuo de unidades discretas. Tal concepção de oralidade não opõe mais a subjetividade e a coletividade, ela não opõe o falado e o escrito. A oralidade é um aspecto da historicidade do discurso, assim como sua situação na individuação é um outro aspecto do mesmo ato de linguagem.

---

intersubjetividade. É nessa relação de constituição mútua com a linguagem que também se constroem a cultura, a sociedade, o contexto.

<sup>3</sup> Tradução minha, no original: [...] établir une interaction entre la conception ethnologique de l'oralité et une poétique de l'oralité. Pour cela, il est nécessaire de situer les pratiques de l'oralité par rapport à la théorie du langage à l'œuvre en ethnologie.

Parece uma evidência antiga e, portanto, incontestável que o oral seja concebido como falado, e que a sua passagem para o escrito se dê através da perda da voz, do gesto, da mímica e de tudo aquilo que acompanha o corpo em uma enunciação. No entanto, conforme Meschonnic (1982), é preciso passar do mito dualista do escrito e do oral a uma história da oralidade, a uma concepção de oralidade em que haja uma solidariedade entre o ritmo, o sujeito e o discurso, a uma concepção do “movimento da fala na escrita”<sup>4</sup> (Hopkins *apud* Meschonnic *ibid.*, p. 18)

Tal concepção de oralidade passa a compor significativamente a noção do que Meschonnic ([1989] 2006) chama de poema. Para o autor, os poemas que se constroem a partir daquilo que é considerado como poesia, de uma herança literária, não são o que o seria o poema. Tais poemas confundiriam poesia com a história da poesia, o que seria bastante diferente de se identificar com ilustres referências da poesia. O poema, para o teórico da linguagem, somente faz o seu trabalho se ele desvia dessa tradição, se no lugar de ser composto por unidades, ele começa por uma oralidade. A oralidade seria o ar que o poema respira, que na sua narrativa se tornaria aquela que narra, que dá o tom. A oralidade seria assim “uma crítica da poesia”<sup>5</sup> (MESCHONNIC, [1989] 2006, p. 19). Por isso, o poema figura também como uma crítica da linguagem e da sociedade.

Nesse sentido, a oralidade e o ritmo são matérias e problemáticas da modernidade conforme proposta por Baudelaire, na medida em que seriam experimentações imprevisíveis da alteridade sobre a identidade. A oralidade “é um trabalho de si sobre si e em direção aos outros. O ritmo, assim, uma missão do sujeito”<sup>6</sup> (MESCHONNIC, [1989] 2006, p. 227). Por isso, a questão da oralidade supõe uma poética, e a noção de signo lhe é um obstáculo. A noção de ritmo como organização do discurso pode, portanto, renovar a concepção de oralidade ao tirá-la do dualismo do signo.

### 3 O escrito, o falado e o oral

Passar da dualidade entre oral e escrito a uma tripartição entre o escrito, o falado e o oral, nos permite reconhecer o oral como o primado do ritmo e da prosódia, com sua semântica própria, como organização subjetiva e cultural do discurso, que pode se realizar na modalidade escrita ou falada. Dessa forma, há oralidade tanto no escrito quanto no falado. A entonação figura como um modo de oralidade do falado; a historicidade da pontuação de textos é uma questão de oralidade. Consequentemente, transforma-se a noção, por exemplo, de tradução ao se considerar tal noção de oralidade.

---

<sup>4</sup> No original: *Mouvement de la parole dans l'écriture.*

<sup>5</sup> No original: *Une critique de la poésie.*

<sup>6</sup> No original: *Est un travail, de soi sur soi et vers les autres. Le rythme, alors, une mission du sujet.*

Meschonnic ([1989] 2006,) distingue entre o que chamou de “ato de enunciação” e “atividade de enunciação”<sup>7</sup>. Para o autor, o texto é visto como uma atividade de enunciação, no qual a oralidade figura como a inscrição do sujeito, implicando um engajamento do leitor que participa do texto, tendendo a fundir o tempo do texto com o tempo do leitor. Por isso, ao pensar sobre os problemas da oralidade, não é possível não se deparar com aqueles do sujeito.

O estatuto dado aqui para a oralidade a coloca em uma posição de crítica à teoria da linguagem, na medida em que sua questão é mais do que o sentido, mas os modos de significar. A oralidade toca no âmago a teoria da linguagem porque recoloca em questão problemáticas como a pontuação na edição de textos, a tradução, o funcionamento da literatura em geral e da poesia em particular.

A oralidade é concebida então como o ritmo linguístico, cultural e forma-sujeito, o que a solidariza com a literatura e o falado, pois tais modos de significar partilham dos mesmos meios, mas os organizam de formas diferentes, segundo uma pluralidade de modos de significar.

O sujeito-linguagem seria duplo. Esse sujeito linguístico da enunciação, conforme propôs Benveniste, ao modificar a fala (*parole*) individual, nos termos de Saussure, neutraliza a oposição entre o falado e o escrito. Sendo esse um ato individual de linguagem, haveria uma neutralização também na distinção entre o indivíduo e o sujeito. O discurso, dessa forma, seria transformado pelo sujeito, e o sujeito adviria ao estatuto de sujeito pelo seu discurso, este seria, de acordo com Meschonnic ([1989] 2006), o sujeito poético da enunciação.

A oralidade figuraria, então, como o conjunto de modos de significar que caracterizam a transformação proposta por ela, tanto no texto escrito quanto falado. A problemática da oralidade estaria estreitamente ligada ao sujeito, em um contínuo que vai da noção de sujeito da enunciação proposta por Benveniste àquela proposta nos trabalhos de Meschonnic de sujeito do poema<sup>8</sup>. A oralidade seria da ordem do contínuo, que estaria ligado ao ritmo, à prosódia, à enunciação.

De acordo com Meschonnic ([1989] 2006), o estudo sobre a histeria de Freud permite que se desmetaforize a metáfora da relação entre linguagem e corpo. Para o estudioso da linguagem, Freud coloca em evidência um efeito da linguagem sobre o corpo, um aspecto da relação entre linguagem e corpo. A histeria mostra o poder da linguagem sobre o corpo, tanto quanto seu caráter corporal, donde Meschonnic pressupõe que algo do corpo seja necessário para

---

<sup>7</sup> “L’acte d’énonciation” e “l’activité de l’énonciation”. O ato de enunciação está ligado ao ato de produzir o texto, enquanto a atividade de enunciação está relacionada à constituição mútua dos sentidos na relação entre o texto e o leitor. Dessa forma, constituem-se mutuamente, em tal relação, texto e leitor.

<sup>8</sup> Em Benveniste, o sujeito da enunciação emerge de um ato de utilização da língua em um determinado tempo e espaço e se relaciona às marcas enunciativas, em especial, àquelas de pessoa, tempo e espaço. O sujeito do poema, conforme apresentado por Meschonnic, não se restringe às marcas enunciativas, mas está no poema todo e perpassa todos os níveis de linguagem, acentual, prosódico, morfológico, sintático.

que haja o poder da linguagem. Tal questão levantada por Freud interessa ao teórico da linguagem e da literatura.

Poder-se-ia dizer que há oralidade quando é a linguagem que se torna histérica, não o locutor. A oralidade interviria como uma contra-histeria, uma forma de histeria que colocaria o corpo na linguagem, o máximo possível do corpo e de sua energia, assim como o faz o ritmo. Tanto a oralidade quanto o ritmo fazem o inverso da histeria, eles mostram a presença do corpo na linguagem.

A oralidade é concebida, então, como uma carga pulsional máxima, não uma patologia como a histeria, mas o seu inverso. Teria a mesma força da histeria, mas não da linguagem em direção ao corpo, e sim do corpo em direção à linguagem. Essa seria, de acordo com Meschonnic ([1989] 2006, p. 339), “a eficácia máxima da linguagem”<sup>9</sup>.

O que a oralidade partilha de maneira surpreendente com a histeria não é mais um dizer, nem um dito, mas um fazer. Não obstante a isso, a oralidade não é aqui concebida enquanto uma origem, mas resgatando Saussure, que se opunha à busca de uma origem na linguagem, ela é concebida enquanto um funcionamento.

Tem-se assim uma transformação da oralidade. No paradigma do signo, o oral se opõe ao escrito; no paradigma do contínuo, a oralidade é o sujeito que se escuta, o sujeito do poema. A oralidade e a subjetividade tornam-se, então, solidárias, pois a oralidade não sendo mais o falado, é o primado do ritmo no discurso. A atividade da oralidade é que inscreve a emissão e a remissão no discurso, pelo máximo de subjetividade que a linguagem pode ter, portanto, pela historicidade.

Onde se comprova que há oral no escrito e que há oral no falado é no texto literário. Assim o que há de transformador na literatura se torna inseparável da oralidade. O que caracterizaria o texto literário seria mesmo a sua oralidade, ele se transmitiria enquanto oralidade. Concebida dessa maneira a relação entre o literário e a oralidade, não se pode fazer a oposição habitual entre literatura escrita e literatura oral, que em geral é definida a partir de seu modo de produção, de execução e de transmissão.

A concepção de oralidade estreitamente ligada àquela de subjetividade neutraliza também a oposição que em geral se faz entre prosa e poesia. Ela abre a possibilidade para que se repense, se recoloque em questão os modos de significar. A subjetividade seria sempre então uma intersubjetividade que teria organizações diferentes.

Para Meschonnic ([1982] 2009), a identidade entre poesia e verso levaria a uma definição negativa da prosa, onde reinaria, em oposição à poesia, a ausência de ordem, de ritmo, o que levaria a uma deshistoricização não somente da prosa, mas também da poesia. A binariedade entre poesia e não-poesia, ou seja, a prosa, apresentaria uma velha oposição entre a clareza do racional, atributo da prosa, e a obscuridade, a irracionalidade da poesia. No entanto, segundo o autor, assim como não há no discurso vazio semiótico, nem vazio semântico, não há o vazio rítmico, isto é, nada é amorfo no discurso

---

<sup>9</sup> No original: L'efficacité maximale du langage.



simplesmente por não ser fragmentado, não há essa polaridade entre amorfo e organizado. Toda a linguagem seria organizada linguisticamente e ritmicamente. O que distingue os discursos é a diversidade e a complexidade das organizações.

Haveria em um estereótipo cultural, a ideia de que o verso tem ritmo, enquanto a prosa possui o não-ritmo, o não organizado, a desordem. O ritmo pressupõe a ordem, a lógica da identidade, circular, simples, perfeita, a cadência, regularidade, no entanto, segundo Spire<sup>10</sup> *apud* Meschonnic ([1982] 2009), há também na prosa mais prosaica a alternância dos breves e dos longos, mesmo que os acidentes de duração, os cumes rítmicos só apareçam em intervalos mais longínquos. Essa alternância não seria, portanto, necessária para compor o ritmo, pois este não é regular.

Tal concepção de oralidade permite a Meschonnic (1985, p. 145) se opor à retórica, no que tange ao que o autor chamou de “mal-entendido retórico sobre a poesia.”<sup>11</sup> Tal mal-entendido estaria no fato de que a retórica teria feito da poesia o lugar privilegiado das metáforas, ao invés de considerá-la enquanto um trabalho de linguagem que se realiza como discurso. Para o autor, a organização prosódica das metáforas mostra não que a poesia seria metáfora, mas ao contrário, que a metáfora é consubstancial ao ritmo, à prosódia, à oralidade, à enunciação.

A literatura e a linguagem em geral mostram que o ritmo produz uma significância que é sempre diferente, única e singular; que a oralidade ultrapassa o signo, pois é aquilo que passa do corpo para a linguagem. O corpo, dessa forma, se historiciza na linguagem, passa-se de uma noção biológica a uma noção histórica. Conforme Zumthor (1997), a oralidade não se reduz à ação da voz, ela inclui a gestualidade, que participa da performance.

Os estudos que fazem uma antropologia do corpo apresentam uma semiótica do corpo, dos órgãos, dos gestos, segundo as culturas. Em geral, a antropologia estuda um contínuo de sentido, a semiótica do espaço no qual nos movemos e da qual, em geral, a linguagem é separada pela linguística. No entanto, o corpo emite signos, dos quais a voz é um. Nela, não há apenas a prosódia, no sentido linguístico (variações de intensidade, de alongamento, de altura, o suprasegmental), há também corpo, os signos do corpo na voz, que nela ganham presença através do processo de subjetivação e da oralidade em diferentes modos de significância.

Dessa forma, a oralidade que sincretiza o corpo na linguagem é uma problemática da teoria da linguagem, da literatura, mas também da civilização, de práticas como a tradução e a construção teórica. A oralidade, assim concebida, está e esteve desde sempre presente na linguagem, no entanto, o pensar sobre ela é bastante incipiente, na medida em que começou a ser estudada a partir da poética de Meschonnic que data da década de 70 do século XX.

#### 4 Palavras finais

<sup>10</sup> André Spire, *Plaisir poétique et plaisir musculaire*.

<sup>11</sup> No original: Malentendu rhétorique sur la poésie.

A reflexão que apresentei aqui buscou problematizar a noção de oralidade, a fim de recolocá-la em questão tanto dentro dos estudos linguísticos quanto literários. Ao estudar o ritmo, Meschonnic ([1982] 2009, p. 70) percebe que "o suprasegmental da entonação, outrora excluído do sentido pelos linguistas, pode ter todo o sentido, mais do que as palavras."<sup>12</sup>. Essa constatação leva a linguística, em especial as teorias do texto e do discurso, a pensar sobre o papel dos aspectos prosódicos e acentuais, na construção dos sentidos do textos. Dessa forma, a construção da significância de um texto, de uma obra, não se determina mais apenas pela análise dos níveis morfológico, sintático e lexical, mas também pelo nível acentual e prosódico.

De outro lado, essa concepção de oralidade também serve àqueles que se debruçam sobre o texto literário, na medida em que, conforme o afirma Meschonnic ([1982] 2009), é no poema que se percebe uma maior presença do corpo e da voz. Ou seja, é no poema em que se percebe um maior trabalho com a oralidade do texto. Dessa forma, o ritmo, as rimas, os ecos prosódicos, o silêncio, a voz podem ser os elementos responsáveis por uma grande parte da significância de um texto e/ou de uma obra.

A partir da concepção de oralidade de Meschonnic altera-se a concepção de leitura, já que os sentidos não são mais somente construídos a partir de uma leitura da sintagmatização do texto, a partir do seu eixo de linearidades, de sucessões, mas também somos colocados diante de relações outras, estabelecidas pelo eixo associativo, pelo construção de séries paradigmáticas, que estabelecem uma teia de relações e de ecos pelo texto.

## REFERÊNCIAS

MASRCUSCHI, Luiz. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2008.

MESCHONNIC, Henri. Qu'entendez-vous par oralité?. **Langue française**. n. 56, p. 6-23, 1982. Disponível em [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr\\_0023-8368\\_1982\\_num\\_56\\_1\\_5145](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1982_num_56_1_5145). Acessado em 01/06/2013

MESCHONNIC, Henri. **Les états de la poétique**. Paris: Presse Universitaires de France, 1985.

MESCHONNIC, Henri. **La rime et la vie**. France: Éditions Verdier, Gallimard, 2006. Edição original: 1986.

MESCHONNIC, Henri. **Critique du rythme: anthropologie historique du langage**. Lonrai, França: Éditions Verdier, 2009. Edição original: 1982.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

---

<sup>12</sup> No original: "le 'suprasegmental' de l'intonation, jadis exclu du sens par les linguistes, peut avoir tout le sens, plus que le mot."

---

*Recebido em julho de 2017.  
Aprovado em outubro de 2017.  
Publicado em dezembro de 2017.*

## **SOBRE A AUTORA**

**Daiane Neumann** é doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016), com período de doutorado-sanduíche, na Paris 8, sob a supervisão de Gérard Dessons. Atualmente, é professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas, onde atua em cursos de graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras, e faz estágio pós-doutoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Dedicar-se ao estudo da obra de Émile Benveniste e da poética de Henri Meschonnic. A partir da concepção de linguagem, enquanto uma antropologia histórica, dedica-se a refletir sobre a relação da linguagem com o ritmo, com a voz, com o corpo, em textos literários.

E-mail: [daiane\\_neumann@hotmail.com](mailto:daiane_neumann@hotmail.com)